

O FLÂNEUR NOS POEMAS DE ANTÔNIO CARLOS CORTEZ

Ana Cléa dos Reis¹

RESUMO

Em *Animais Feridos*, livro de poesia publicado em 2016, o poeta português António Carlos Cortez nos apresenta sujeitos comuns, com problemas e conflitos que fazem parte do contexto sócio-histórico atual. Acreditamos que esta relação mais estreita da poesia de Cortez com a especificidade de seu tempo justifique uma abordagem do referido livro a partir do conceito de *flâneur*. Nos poemas “Apocalipse”, “Armas de caça” e “Discotecas”, o eu lírico é um indivíduo comum deste tempo que é o nosso, com anseios, incertezas e conflitos resultantes das múltiplas tensões da modernidade. Neste trabalho, apresentaremos análises no que concerne a subjetividade do sujeito e a sua relação com o espaço urbano nas reflexões do eu lírico construído pelo poeta. Com isso, pretendemos responder à seguinte questão: como o autor estabelece as reflexões do eu lírico e assim produz um conflito análogo ao do sujeito moderno? Para tanto, partiremos dos estudos de Walter Benjamin (2006) sobre as influências e as transformações do espaço social advindos do progresso no século XIX; sobre a configuração da sociedade moderna utilizamos Zygmunt Bauman (2011) e as considerações de Rosa Maria Martelo (2004), a respeito de um novo posicionamento do *flâneur* e a des-figuração identitária do sujeito na poesia moderna e contemporânea. Com isso, consideramos que a construção do eu lírico feita por Cortez nos referidos poemas, possui características semelhantes ao *flâneur* do século XIX, porém com novas particularidades, as quais são condizentes com a configuração da sociedade atual. E assim, consideramos que em seus poemas, há um novo posicionamento do *flâneur*.

Palavras-chave: Literatura portuguesa, António Carlos Cortez, Poesia Contemporânea, *Flâneur*.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Especialista em Sociologia (UEL) e Mestranda em Letras (UEL), anacleareis.1102@uel.br

INTRODUÇÃO

O poeta António Carlos Cortez nasceu em Lisboa, atualmente é professor de Literatura Portuguesa, poeta, ensaísta e crítico literário. Possui uma coluna denominada, *Palavra de Poesia*, no *Jornal de Letras* e também é colaborador das revistas *Colóquio-Letras* e *Relâmpago*. O escritor possui mais de dez livros publicados.

Para a elaboração deste artigo selecionamos alguns poemas de sua obra *Animais Feridos* escrita em 2016. Neste artigo, analisamos três poemas do poeta contemporâneo “Apocalipse”, “Armas de caça” e “Discotecas”. Os poemas tratam de temas que fazem parte do nosso contexto-histórico atual, e este estudo teve como propósito analisar os poemas de Cortez sobre à luz do *flâneur* conceituado por Benjamin, porém através de um novo posicionamento do *flâneur*.

O desenvolvimento desta pesquisa busca analisar e compreender a poesia moderna e contemporânea produzida em Portugal, bem como as suas relações com a contemporaneidade através de uma breve análise das reflexões do eu lírico sobre o espaço urbano e social apresentados ao leitor nos poemas.

Primeiramente, discorreremos sobre os estudos de Walter Benjamin em sua obra *Passagens* (2006). Observamos as inquietações do *flâneur* acerca das transformações da cidade de Paris no século XIX, bem como seus relatos sobre as alterações do espaço urbano, o desenvolvimento arquitetônico e os avanços do progresso pontuados pelo autor na escrita de sua obra e como essas modificações o afetam.

Logo após, mencionamos brevemente excertos e pensamentos do sociólogo Zygmunt Bauman em *Modernidade líquida* (2011) acerca da organização da sociedade atual. Delineamos assim, uma visão mais recente da constituição da sociedade e do homem hodierno, a fim de percebemos as semelhanças e afastamentos da configuração do sujeito na atualidade.

Posteriormente, partilhamos os pensamentos de Rosa Maria Martelo em *Em parte incerta – Estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea* (2004) e suas reflexões no que se refere a poesia portuguesa da atualidade. Nos atentamos mais especificamente, a sua alusão a um novo posicionamento do *flâneur* e a des-figuração identitária mencionada pela escritora.

Consequentemente, apresentaremos análises dos poemas “Apocalipse”, “Armas de caça” e “Discotecas” no que concerne a

subjetividade do sujeito e a sua relação com o espaço urbano através das reflexões do eu lírico construído pelo poeta em sua poesia moderna e contemporânea, uma vez que o eu lírico é um indivíduo comum deste tempo que é o nosso, com anseios, incertezas e conflitos resultantes das múltiplas tensões da modernidade.

Isto posto, este estudo analisou os poemas de António Carlos Cortez sobre o ponto de vista do *flâneur* da atualidade, observando como o eu lírico dos poemas também percorre as ruas de Lisboa, contempla e participa do cenário que o cerca, observando os tipos humanos que o compõem.

METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido com base no método de pesquisa qualitativo. Para o corpus deste trabalho foram realizadas pesquisas bibliográficas. Os teóricos utilizados neste estudo foram: Walter Benjamin e sua obra *Passagens* (2006); Zygmunt Bauman, *Modernidade líquida* (2011) e Rosa Maria Martelo em *Em parte incerta – Estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea* (2004).

REFERENCIAL TEÓRICO

Para esta pesquisa partiremos dos estudos de Walter Benjamin (2006) em sua obra *Passagens*. O autor discorre acerca do conceito de *flâneur*, como também acerca das transformações do espaço social advindos do progresso no século XIX, uma vez que o eu lírico, ou seja, *flâneur* descreve suas observações do espaço urbano e social.

Na sequência, com o intuito de realizar um panorama sobre a configuração da sociedade moderna, utilizamos Zygmunt Bauman (2011) e sua obra *Modernidade líquida* (2011), com o objetivo de realizar uma comparação das mudanças sociais do século XIX com os tempos atuais, atentamos que esta análise não será aprofundada, mas servirá de base para contextualizarmos e comparamos os efeitos das transformações urbanas no sujeito social.

Consequentemente, utilizamos *Em parte incerta – Estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea* (2004) da escritora Rosa Maria Martelo. O intuito desse trabalho é analisar o novo posicionamento do *flâneur* nos poemas de Cortez, de acordo com as reflexões da autora sobre a escrita poética do poetas portugueses.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO SOCIAL E O *FLÂNEUR*

Walter Benjamin discorre sobre o *flâneur* através de reflexões sobre os escritos de Charles Baudelaire, os quais apresentam um sujeito que perambula pelas ruas da cidade de Paris, um homem que se mistura a multidão, porém não se sente parte dela:

Com Baudelaire, pela primeira vez, Paris se torna objeto da poesia lírica. Não é uma poesia que canta a cidade natal, ao contrário, é o olhar que o alegórico lança sobre a cidade, *o olhar do homem* que se sente ali como um estrangeiro. Trata-se do *olhar do flâneur*, cujo modo de vida dissimula ainda com um halo conciliador o futuro modo de vida sombrio dos habitantes da *grande cidade* (BENJAMIN, 2009, p.47, grifos nossos)

De acordo com Benjamin (2009), Baudelaire utiliza a cidade de Paris do século XIX como pano de fundo para a sua escrita poética. Ao observá-la e descrevê-la, lança seu olhar crítico, o olhar do *flâneur*, e isso não acontece somente ao espaço físico, mas também aos indivíduos que ali habitam, e este olhar questionador é de alguém que faz parte desta coletividade, porém não parece pertencer a este corpo social, pois se sente como um estrangeiro.

Desta forma, para falarmos um pouco sobre o conceito de *flâneur* é preciso retratar o ambiente acerca das mudanças feitas pelo progresso. O aumento da população nas grandes cidades, o avanço da industrialização e o capitalismo são fatores que influenciaram e mudaram definitivamente o indivíduo e a sua relação com o meio social.

Walter Benjamin retrata em seu livro *Passagens* (2009) as alterações do espaço urbano, as passagens, termo que dá nome a obra, são as galerias comerciais que começaram a ser construídas na capital da França no século XIX modificando o espaço social e geográfico da cidade:

A maioria das passagens de Paris surge nos quinze anos após 1822. A primeira condição para seu aparecimento é a conjuntura favorável do comércio têxtil. Os magasins de nouveautés, os primeiros estabelecimentos a manter grandes estoques de mercadorias, começam a aparecer. São os precursores das lojas de departamentos (BENJAMIN, 2009, p. 39)

Benjamin (2009) relata as mudanças da cidade parisiense, bem como o fenômeno industrial e as transformações do espaço neste período, como a criação das extensas galerias de Paris. O autor apresenta um recorte do Guia ilustrado de Paris:

Estas passagens, uma recente invenção do luxo industrial, são galerias cobertas de vidro e com paredes revestidas de mármore, que atravessam quarteirões inteiros, cujos proprietários se uniram para esse tipo de especulação. Em ambos os lados dessas galerias, que recebem a luz do alto, alinham-se as lojas mais elegantes, de modo que tal passagem é uma cidade, um mundo em miniatura (BENJAMIN, 2009, p.40, grifos nossos)

Outro fator exposto pelo escritor é a transição do espaço privado para o espaço público no século XIX:

As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado que vivencia, experimenta, conhece e inventa tantas coisas entre as fachadas dos prédios quanto os indivíduos no abrigo de suas quatro paredes. (BENJAMIN, 2009, p. 468).

Percebemos as mudanças na sociedade parisiense, estas alterações não passam despercebidas para o escritor, o espaço público passa a atrair diferentes tipos de indivíduos e é neste ambiente que Benjamin faz suas reflexões acerca das alterações arquitetônicas, como também dos seus transeuntes. Para isso, o autor observa tudo a sua volta, assim como o faz o *flâneur*.

A multidão é o véu através do qual a cidade familiar acena para o flâneur como fanstamagoria. Nela, a cidade é ora paisagem, ora sala acolhedora. Ambas são aproveitadas na configuração das lojas de departamentos, que tornam o próprio flânar proveitoso para a circulação das mercadorias. A loja de departamentos é a última passarela do flâneur (BENJAMIN, 2009, p. 47)

Percebemos que tanto Baudelaire, quanto Benjamin refletem em suas obras, cada qual a seu tempo, as mudanças de Paris decorrentes do progresso, essas reflexões são realizadas por meio do olhar do *flâneur* que transita pela cidade e observa as alterações do espaço e a nova configuração social.

A poesia de Antônio Carlos Cortez faz parte da literatura moderna e contemporânea, e conforme mencionado anteriormente, retrata as

aflições do sujeito moderno. Para estabelecermos uma relação dos poemas de Cortez pela ótica do *flâneur*, é preciso atentarmos ao espaço social em que vivemos atualmente e, desse modo, verificar se o eu lírico de seus poemas também possui as mesmas inquietações sobre a cidade em que vive, assim como o *flâneur* do século XIX. Neste caso em específico, a referência é a cidade de Lisboa (a capital portuguesa é tema constante neste livro, como também em sua trilogia), assim como o faz o *flâneur* retratado por Baudelaire e por Benjamin acerca da cidade de Paris.

A publicação em 2016 de *Animais Feridos* é recente, justificando a relação apresentada neste artigo entre o contexto-histórico atual com a produção do poeta António Carlos Cortez. As modificações sociais pelo progresso ainda geram inquietações no homem hodierno, pois o desenvolvimento econômico afetou a vida em sociedade e estimulou à individualização dos sujeitos, a falta de empatia, a valorização do ter e não do ser e a preferência por viver de forma isolada dos demais são características da sociedade moderna.

Em virtude disso, consideramos de forma breve os estudos do sociólogo Zygmunt Bauman sobre as relações sociais do século XXI apresentadas em sua obra *Modernidade líquida* (2011):

Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da “liquidez” para caracterizar o estado da sociedade moderna: como os líquidos, ela caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades “auto-evidentes”. Sem dúvida a vida moderna foi desde o início “desenraizadora”, “derretia os sólidos e profanava os sagrados” [...] (BAUMAN, 2011, p.158, grifos nossos)

Os estudos do sociólogo a respeito da sociedade moderna apresentam uma leitura da condição humana atual que abandonou as tradições, em outras palavras, a sociedade que outrora era sólida, na época atual passa a ser líquida, uma vez que os relacionamentos sociais são temporários e têm menos importância, sejam eles amorosos, fraternais ou profissionais, há uma individualização dos sujeitos e conseqüentemente, a uma nova formação social.

Essa transformação da sociedade moderna conforme apontou Bauman (2011) têm uma relação intrínseca com a modernização dos espaços urbanos e conseqüentemente, das relações sociais. Suas reflexões

são a respeito do sujeito deste tempo que é o nosso e fazem parte da sociedade contemporânea. Portanto, o espaço urbano, mais especificamente a cidade, é o cenário para a escrita poética de Cortez, uma vez que a capital portuguesa está presente em muitos de seus poemas.

A seguir apresentaremos as análises dos poemas, os quais possuem algumas características do *flâneur* do século XIX, porém sobre uma nova perspectiva, a do *flâneur* da atualidade.

2. OS POEMAS DE ANTÓNIO CARLOS CORTEZ PELA PERSPECTIVA DO FLÂNEUR

Os poemas “Apocalipse”, “Armas de caça” e “Discotecas” de António Carlos Cortez possuem as características do *flâneur*, ou seja, o eu lírico faz suas reflexões enquanto caminha pela cidade. O eu lírico dos poemas observa o espaço urbano e social e os tipos humanos, e desta forma apresenta ao leitor suas reflexões e sentimentos por meio deste olhar analítico.

Para refletirmos sobre as inquietações do eu lírico do poema e sobre a sociedade de seu tempo, apresentamos a seguir as análises dos referidos poemas. Primeiramente, analisamos o primeiro poema, “Apocalipse”:

APOCALIPSE

Subias por outro lado da cidade
em chamas (alfama) para escapar
esquecer os monstros os jogos malabares
A lua gélida num céu de cianeto
iluminava a nova multidão cocainómana
No elevador do lava a lava
derramava-se dos ferros
por onde escorregava
a noite urbana em corpos derrubados
(na rua da barroca ao bairro alto
uma livraria deserta oculta
os desesperados e nos bares suicidas
putas disfarçadas lançam charme
pederastas movidos a sida lançam fogo)
Nas peles ossos tatuados sinais
selos da doença terminal marcada a sexo
troca por troca A droga televisiva
reproduzida na nossa carne viva
(CORTEZ, António Carlos. *Animais Feridos*, 2016, p. 32)

O eu lírico observa um sujeito que caminha pelo bairro numa noite fria da capital lusitana, no segundo verso há uma referência a um bairro de Portugal “alfama”, assim como no décimo verso “a rua da barroca ao bairro alto”. Desta forma, o eu lírico deixa evidenciado no poema, a qual cidade ele se refere, a qual ele denomina “em chamas (alfama)”.

O substantivo “chamas” é um termo utilizado constantemente pelo poeta em seus poemas e neste em específico, é empregado para que o leitor faça uma associação com o título do poema, *Apocalypse*, termo este que nos remete ao apocalipse bíblico, ou seja, o qual é comumente retratado como o inferno na Terra.

Há um posicionamento contrário a massificação marcada pela modernidade, como observamos em alguns versos dos poemas “a droga televisiva/reproduzida na nossa carne viva”, demonstrando a influência do poder midiático na vida das pessoas, e a “guerra fratricida”, onde a vida do Outro não é valorizada.

O segundo poema analisado é “Armas de caça”:

ARMAS DE CAÇA

Rua do alecrim O itinerário revivido
 caveiras sorrindo nas lojas tépidas
 Por onde começar depois do apocalipse
 que há-de vir *porque a morte*
é de todos e virá?
 Ficamos nestas esplanadas
 ao frio do inverno
 cortante Cordames e amarras
 cortam-nos as mãos a que estamos
 presos por um fio
 à terra devastada
 Arame farpado
 é o que enfretamos cada dia
 na guerra fratricida acelerada
 porque a velocidade decapita
 Chegamos ao inferno de dante
 Centros comerciais da vida nova
 Labaredas espadas e vales de lágrimas
 (mendigos, cegos, suburbanos,
 metro com odor pútrido, condomínios

fechados para a vida)
 Subitamente acordo
 Um tanque de águas paradas esta gente
 olhando-se e fazendo das palavras
 punhais armas de caça
 (CORTEZ, 2016, p. 34)

No terceiro verso percebemos a referência ao título do primeiro poema “Por onde começar depois do apocalipse”, o eu lírico também remete o leitor à cidade de Lisboa “Rua do alecrim”. Atentamos para a escrita utilizada em 3ª pessoa por meio dos verbos “ficamos”; “estamos”; “enfretamos”; “chegamos” e “acordo”. O sujeito desinencial aponta que o sujeito faz parte da prática discursiva.

Notamos que o escritor assegura uma continuidade “narrativa” com termos que se opõem por meio do uso da figura de linguagem antítese, as oposições entre “ao frio do inverno/cortante” com “inferno de dante” ou com o adjetivo “Labaredas”.

A cidade é uma “terra devastada” em uma “guerra fratricida” com pessoas que não possuem qualquer empatia com o próximo, “fazendo das palavras/punhais armas de caça”, novamente o poeta nos remete novamente ao título do poema, e, ao comparar a palavra como arma, denota que a linguagem é utilizada para ferir.

Outro fator é o tempo marcado do progresso, pois “a velocidade decapita”. É de senso comum que o tempo escasso está intrínseca-mente ligado ao capitalismo e aos avanços gradativos da modernidade. Demonstrando para o leitor que viver de forma acelerada é algo negativo, que nos leva a morte.

Apresentamos a seguir o terceiro poema “Discotecas”:

DISCOTECAS

Um regresso a Lisboa (Lux)

I

A luz esgota o som
 e as manhãs a céu aberto lembram
 quanto a noite esventrou os nossos olhos
 Assim o excesso do haxixe e vítreos
 os nomes ainda há pouco conhecidos
 apalpadados entre a carne exposta desses talhos
the fog comes / on little cat feet

Animais feridos ao decepado sol
fumam nos pulmões o sangue negro
(gasolina em combustão de sexo e raiva)

II

Lisboa descendo até o rio
e o frio atravessando-lhe os ossos
(pedintes às portas das igrejas
e turistas de óculos escuros
- talvez assim esta miséria
se oculte melhor) Que luz é esta
que arrefece o corpo das colinas
como fogo posto em labaredas ínvias?

III

Sexo e cinismo nas discotecas
o som explode ou implode
e vampiros mostram seus caninos
Aumenta o índice de sangue
nas ruas onde cocaína é lei
Não podes escapar Escarpas
as ruas onde sabes afinal
que no mesmo fogo ardes
(CORTEZ, 2016, p. 84,85)

Esse poema é estruturado em três partes denominadas pelos algarismos romanos I, II e III. Na primeira parte (I), ao utilizar o pronome possessivo “nossos” observamos que o eu lírico faz parte do poema, mais uma vez a referência é feita para o título da obra no oitavo verso “Animais feridos”, o poeta utiliza a metáfora, onde os animais são como as pessoas que descansam em uma manhã de sol “Animais feridos ao decepado sol”.

Na segunda parte (II), o eu lírico fala sobre a noite de Lisboa, e de novo aponta para a cidade portuguesa “Lisboa descendo até o rio”. O cenário nos revela um dia ensolarado, mas o ar gélido se sobrepõe “o frio atravessando-lhe os ossos”. Percebemos uma crítica social “talvez assim esta miséria/se oculte melhor” ao retratar “pedintes às portas das igrejas” ao mesmo tempo que turistas transitam pela capital, ou seja, em uma visão panorâmica são os turistas que tem um maior destaque, e consequentemente as pessoas que vivem à margem são ignoradas.

Já na terceira parte (III), o eu lírico inicia o poema contextualiza a cena “Sexo e cinismo nas discotecas”. Para o eu lírico a discoteca, termo que outra vez faz uma referência ao título do poema, é o lugar onde as máscaras caem e o verdadeiro eu se revela “vampiros mostram seus caninos”. Observamos uma relação cíclica, pois nos primeiros versos “A luz esgota o som” demonstra que o amanhecer encerra as atividades nas discotecas e “e as manhãs a céu aberto lembra/quanto a noite esventrou os nossos olhos” como se a noite fosse responsável por decepar-lhes os olhos, ou como se a noite os vendasse. Desta forma, o eu lírico está em uma discoteca no início do poema e também ao final dele, e o ciclo se repete.

Observamos que o poeta opta por escolher palavras pertencentes a um mesmo campo lexical, são elas: “gélida”, “frio” e “inverno”; “sol”, “fogo”, “arde”, “combustão”, “labaredas” e “inferno”, como também: “cocainómana”, “drogas”, “cocaína” e “haxixe”. Há outros elementos nos três poemas que possibilitam uma relação entre os textos, tais como: “corpos derrubados”, “ossos”, “carne viva”, “carne exposta” e “caveiras”. Este recurso tem o intuito de estabelecer uma relação entre os três poemas.

A presença do espaço urbano é tema constante nos poemas de Cortez, assim como fizeram Benjamin e Baudelaire. Com isso, percebemos que há semelhanças nos poemas analisados anteriormente com o ato de *flanerie*, no entanto, observamos algumas modificações quanto a sua constituição no contexto atual.

Uma vez que esta pesquisa busca reatificar as semelhanças e distanciamentos do *flâneur* do passado com o atual, trazemos as considerações de Martelo e a suas reflexões quanto a observação da cidade na literatura portuguesa moderna e contemporânea, conforme afirma a autora “[...] um primeiro aspecto a assinalar consiste na forma como o sujeito emerge do espaço urbano, não podendo separar a experiência interior de uma condição existencial cidadina” (2004, p. 253, 254).

Ao analisar os três poemas, percebemos como o autor utiliza o eu lírico para expor sua visão da cidade de Lisboa, ele não só a observa, como também dela faz parte “sabes afinal/que no mesmo fogo ardes”, assim como percebemos nos poemas anteriores pelo o uso do pronome possessivo e o discurso feito em 3ª pessoa.

Diferentemente do *flâneur* de outrora, a forma como a cidade é descrita, é relevante, ou seja, ela é retratada por meio de uma visão apocalíptica. Os poemas nos remete a um cenário caótico. No primeiro a introdução que o eu lírico faz ao leitor é nítida, desde seu título, quanto ao seu conteúdo. Martelo afirma que “Não será preciso dizer que este

tipo de visão apocalíptica nada tem a ver com o fascínio do “flâneur” pela cidade, tal como nada tem a ver com a distância que o separava da multidão”. (MARTELO, 2004, p. 254).

Nessa nova contextualização do *flâneur*, o sujeito não está distante de seu objeto de observação, pelo contrário, uma vez que dele faz parte. “Agora, o sujeito pertence a essa massa indistinta que preenche o tecido urbano, fala a partir de um espaço partilhado” (MARTELO, 2004, p. 255).

Outro ponto a ser observado é a subjetividade do eu lírico apresentado nos poemas de Cortez, não relata apenas a sua própria subjetividade, mas também dá voz a uma coletividade. Tais apontamentos nos leva a refletir sobre a des-figuração identitária apontada por Martelo:

A experiência do sujeito poético apresenta-se como algo de partilhado, ou de facilmente partilhável com o leitor, não porque aquele tenha superado a *des-figuração* identitária anteriormente somatizada como figura de construção pela desagregação gramatical do abstraccionismo, mas porque o leitor facilmente a reconhece como uma experiência comum. Quero com isto dizer que a des-figuração do sujeito pode não implicar agora uma retórica da impessoalidade e uma actualização figural, em termos de tessitura discursiva, e pode reverter para a construção de personagens facilmente reconhecíveis para o leitor como des-figurações identitárias referenciáveis no seu mundo habitual (MARTELO, 2004, p. 225).

Assim, o eu lírico utilizado pelo poeta em sua escrita, tem como particularidade a verosimilhança com a realidade, uma vez que o leitor facilmente se identifica, tanto com os lugares apontados nos poemas, quanto com as situações apresentadas, bem como com as configurações da sociedade contemporânea.

Ainda segundo a autora, “[...] “o novo flâneur” [...] é hoje mais comum e mais prosaico (e, conseqüentemente, em grande medida, é também a própria negação do “flâneur”)” (MARTELO, 2004, p. 257). Ou seja, além das observações apontadas anteriormente, outro ponto a ser observado é que a escrita de António Carlos Cortez é caracterizada pela prosa poética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou os poemas “Apocalipse”, “Armas de caça” e “Discotecas” do escritor português António Carlos Cortez, esses poemas

fazem parte da obra *Animais feridos*, escrita em 2016. Após as análises dos poemas, observamos que o eu lírico utilizado pelo autor possui as mesmas características do *flâneur* do século XIX, demonstrando assim que os efeitos da modernidade ainda inquietam o homem hodierno. Ele possui os mesmos anseios perante as modificações do espaço urbano, como também da configuração social. Observamos como a escrita ficcional de Cortez parte da realidade social, ou seja, a ficção, neste caso específico, está dialogando com os problemas sociais gerados pelo processo de modernização.

Durante o desenvolvimento deste artigo, apontamos para as diferenças e para as semelhanças sobre a nova configuração do *flâneur*. Ele não apenas observa a cidade, mas dela também faz parte. Outro ponto a ser observado é a configuração da cidade, pois agora ela é descrita de forma caótica, apocalíptica. Apontamos também para a escrita poética, a qual possui verossilhanças com a realidade atual, ela é construída com menos rigor, como também possui uma linguagem mais coloquial e, conseqüentemente, aproxima o leitor, pois o mesmo se identifica em seus versos.

Este trabalho tinha por objetivo responder a uma questão: como o autor estabelece as reflexões do eu lírico e assim produz um conflito análogo ao do sujeito moderno? Percebemos um eu lírico análogo ao *flâneur* do século XIX, no entanto, nos poemas analisados, percebemos um *flâneur* reformulado, ou seja, os poemas de António Carlos Cortez são escritos pela perspectiva de uma nova configuração do *flâneur*, o *flâneur* contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

CORTEZ, António Carlos. *Animais Feridos*. Ed. Dom Quixote. Alfragidade, 2016.

MARTELO, Rosa Maria. *Em parte incerta – Estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea*. - 1ª ed. - Porto : Campo das Letras, 2004. - 262 p. ; 24 cm. - (Campo da literatura. Ensaio ; 110). - ISBN 972-610-853-5